

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

José Lopes Ribeiro

registada em 2008-09-16
por

Hugo Pereira e Susana Pires

José Lopes Ribeiro

José Lopes Ribeiro nasceu no Piódão, em 23 de Julho de 1932. O pai era Francisco Lopes e a mãe Ana da Conceição, trabalhavam na agricultura. José teve oito irmãos. A mãe tinha de estar sempre em casa e o pai distribuía o serviço por cada um dos filhos. “Um ia guardar o gado, outro ia guardar as cabras, um ia guardar as ovelhas, outro ia ao mato...” Foi algumas vezes à escola, mas os pais precisavam dos filhos para trabalharem, por isso não chegou a aprender nada. Foi com o padre Ilídio que aprendeu algumas letras e quando foi para a tropa, “já levava umas luzitas”. Na tropa foi à escola e conseguiu fazer a terceira classe. Mais tarde, quando trabalhava em Lisboa, regressou outra vez para a escola. Trabalhou na CUF e foi aí que tirou a quarta classe, “porque era preciso para tirar a carta de condução”. No Piódão foi resineiro. Saiu da aldeia para a tropa, em Coimbra. Mais tarde foi para Lisboa, trabalhou na Colonial, a “picar e escovar as tintas velhas nos barcos para levar mais tinta e fazer limpeza por dentro nos porões” e a fazer reparação. Da Colonial passou para a CUF, na reparação. De onde saiu com a reforma antecipada. Fez “um casamento à moda da terra”, há 51 anos.

Índice

Identificação José Lopes Ribeiro.....	4
Ascendência Francisco Lopes e Ana da Conceição.....	4
Infância "Era o mais novo lá da casa".....	5
Casa "Não cabíamos lá todos".....	7
Educação "Acompanhar a evolução".....	8
Religião "Deu bons princípios à mocidade".....	9
Percurso profissional Dos pinhais do Piódão aos estaleiros da Lisnave.....	10
Migração "Cheguei a Lisboa à meia-noite".....	11
Ofício "Trabalhava na Lisnave que era do grupo CUF".....	15
Orgulho "Orgulho de viver naquela empresa".....	15
Namoro "Nem sabia o que era namorar".....	16
Casamento "À moda da terra".....	17
Lugar "O Piódão é a minha terra".....	18
Costumes Era tradição no Piódão.....	23
Avaliação "É bom recordar".....	25

Identificação *José Lopes Ribeiro*



José Lopes Ribeiro

Sou José Lopes Ribeiro. Nasci em Piódão, em 23 de Julho de 1932.

Ascendência *Francisco Lopes e Ana da Conceição*

O meu pai era Francisco Lopes e a mãe Ana da Conceição. Eram do Piódão. Trabalhavam na agricultura que cá tínhamos. O meu pai foi adquirindo terras, com muito custo. Chegou a ter aí muitas terras. Disse uma vez o Presidente da Junta que o meu pai possuía 17% do limite. Só áreas cobertas eram umas 20 e tal. E também tinha muitas propriedades.

Infância "*Era o mais novo lá da casa*"

Quando a gente se levantava de manhã, a primeira coisa que fazia era ir à tábua cortar um bocado de broa. Era uma tábua pendurada com umas cordas nos barrotes em alto, onde púnhamos as broas encostadas umas às outras. Estavam ali para lá não chegarem nem os ratos, nem os gatos. Para não andarem lá a comer na broa, que a gente havia de comer. Havia muitos ratos, porque as casas eram de somenos e tinham buracos. Os ratos entravam em casa com facilidade. A gente chegava ali, cortava um bocado de broa e vai por aí fora, a comer e a andar. Não havia conduto. Era um bocado de broa. Podão ao ombro com uma corda e íamos por aí fora ao mato e à lenha.

Tinha oito irmãos. A minha mãe teve 11 filhos. Eu fui o que fechou a porta. Era o mais novo lá da casa. Fui assim mais o "cu de mimo", como costumam dizer. Já tinha um bocadito mais de cobiça. Todos nós éramos pobres. Mas havia aqueles que ainda eram mais pobres. A gente, com uma vida estabilizada e uma família constituída e organizada, sobressaía um pouco mais.

Não conheci outro ambiente em casa, mas agora vejo que era o melhor que podia ser. A minha mãe tinha de estar sempre em casa. Tinha de fazer o comer para aquela gente toda. O meu pai distribuía o serviço por cada um de nós. Depois, vínhamos a casa, ao almoço, dar contas. Trazíamos o relatório do que fizéramos e as novidades do que víramos, do que se passou. Às vezes, até com umas anedotas pelo meio. Naquele tempo, havia muita caça. A gente, às vezes, ainda trazia. Nós tínhamos um cão. Ele agarrava lá os coelhos e a gente aproveitava. Também tirávamos os ovos das perdizes, quando era no tempo. Havia aí perdizes por todo o lado. Trazíamos-los no capelo do capucho. Era proibido, mas não sei como era, a gente tirava os ovos todos quantos encontrava. A Natureza quando dá, dá com abundância. Aquilo para a gente era um grande petisco. Frigia-os. É como o ovo da galinha, só que mais gostoso. Depois, o meu pai tornava a distribuir outro trabalho. Ia cada um para a sua vida. Um ia guardar o gado, outro ia guardar as cabras, um ia guardar as ovelhas, outro ia ao mato... Na fazenda há sempre que fazer.

A gente não parava. O tempo disponível que houvesse era para arranjar lenha. Cozinhávamos tudo assim. Os fornos de cozer e a broa também.

Fornos e moinhos

Aqui trabalhavam dois fornos, pelo menos. Um era comunitário. Trabalhava de noite e de dia. Outro era particular, mas também trabalhava de dia

e de noite. Havia uns outros que trabalhavam menos, mas aqueles dois andavam sempre a trabalhar. Tínhamos também os moinhos para moer o milho.

Mas havia pouca lenha, porque a gente arrancava as torgas, as giestas e os giestais para queimar para as cavadas. Por isso, íamos mondando as oliveiras e os medronheiros. Iam-se cortando aquelas partes que vão ficando mortas, que não têm tanta vitalidade e não dão tanto fruto. Aproveitávamos essas pernadas para lenha. O tempo também nos roubava muito tempo. Havia grandes nevões. Chegava a cá estar aos meses. Havia muitas semanas que a gente não podia trabalhar. Só ia tratar dos animais e mais nada. Estava tudo coberto de neve. Aproveitávamos para fazer outros trabalhos em casa. Fazer cortiços.

"Era assim que a gente fazia os cortiços"

Começávamos as sobreiras. Levávamos a cortiça e púnhamo-la na água para amolecer. Nesses tempos que a gente não podia sair, fazíamos uns viros, que era o que servia de pregos. Com uma fuseira quente, fazíamos um buraco e depois púnhamos-lhe um viro daqueles. Era feito de moita velha. Era assim que a gente fazia os cortiços.

Nessa altura havia muita criança. Havia sempre uma média de seis, sete ou oito todos os anos. Se fosse só um filho, diziam que era morgado, que era aparvoado. "É morgado, é aparvoado." Havia muita gente mesmo. Eram muito poucos aqueles que ficavam só com um filho ou dois. Por isso, havia gente de todas as idades. Havia com 1 ano, 2, 3, 4, 5, 15, 20... No meu ano, fôramos sete. No outro ano logo a seguir nasceram oito. E assim sucessivamente. Antes não havia televisão. Nem se pensava nisso. Eles entretinham-se... O tempo também não era muito. Eles tinham a vida muito ocupada. Mas lá arranjavam tempo para essas coisas. A verdade é que havia muito miúdo.

Senhora do Bom Parto

Todos faziam promessas à Senhora do Bom Parto, que está lá em cima. Às vezes, os miúdos adoeciam muito. Então, prometiam uma novena. Faziam uns bolinhos pequeninos de milho e davam a nove crianças. Tinha que ser seleccionado. Eles precisavam de nove miúdos para lhe dar o bolo, mas apareciam 30 ou 40. Quase já era por compadrio. As pessoas levavam uma broa. Para depois os outros não ficarem sem nada, cortavam uma fatia de broa para

cada um. Para a malta. Tinham fome! Comiam tudo o que lhes dessem. Era preciso era que lhes dessem alguma coisa. Eram tradições que havia aqui.

A gente não parava. Não é como agora. Íamos ver o que os adultos andassem a fazer. O que eles fizessem, era o que a gente fazia. Se eles andassem a fazer uma ponte, fazíamos uma ponte. Lembra-me fazerem uma ponte ali por baixo do largo. Eles iam fazer casas, nós, os miúdos, íamos fazer casas. Tudo o que vissemos fazer, íamos fazer. Até quando vieram as Minas. A gente nem lá foi ver, nem lá ninguém nos levou, mas imaginávamos. Tínhamos aí um sítio adonde era um bocado mais barrento, toca a abrir minas, a fazer minas. Era assim a nossa brincadeira. Aquilo que vissemos fazer, íamos logo imitar. Eu acho que aquilo era muito instrutivo, porque a gente tinha que puxar pela imaginação. Agora têm os brinquedos. Já vem tudo feito. Não precisam de fazer nada. Nós fazíamos! Só não tínhamos ferramentas. Não nos deixavam pegar nelas. A gente ia pegar numa ferramenta:

- "Não mexas aí, que tu estragas!"

Isso era uma guerra. Para tirar ferramentas aos pais, era às fugidas. Tínhamos de lhas roubar para poder trabalhar. Senão, eles não nos deixavam. Eu lembro-me. Eu e as gerações do meu tempo. A gente já aprendeu com os outros.

Fazíamos ginástica aí nessas árvores, a ver quem é que revirava os pés pela cabeça. Como agora se faz nesses parques, com os baloiços, a gente fazia aí nas oliveiras e nos castanheiros. Uma vez, aqui, andávamos todos nos castanheiros no baloiço. Arrancou-se quase metade do castanheiro! Ficámos todos lá debaixo. Não se aleijou ninguém. Foi um milagre!

Ocupávamos o tempo assim. Fazíamos outras coisas que agora já nem me lembro mas, mais ou menos, era esta a actividade que a gente tinha. Passavam-se assim os anos.

Casa "Não cabíamos lá todos"

O meu pai tinha diversas casas. Agora, era uma despesa grande só para sustentar. Só áreas cobertas, tinha aí 20, contando com os currais do gado. Casas, tínhamos cinco, que eu me lembre. Casas... Barracas! Tínhamos a casa adonde vivíamos. Não cabíamos lá todos. Lá, íamos comer. Era a casa de nos juntarmos e de os meus pais dormirem. Nós, os filhos, íamos dormir a outras casas. Eu, por exemplo, ia dormir onde agora é o restaurante. Havia ali uma casa baixinha. Eu ia dormir ali. Os meus irmãos dormiam numa outra casa mais acima. E assim sucessivamente. Dividiam.

Eram feitas de pedra e madeira. Não havia cá outra coisa. A madeira era de castanho, o rei das madeiras. Eles sabiam quando haviam de cortar as madeiras e como as haviam de aplicar.

"Já tem mais de 500 anos"

Essas padieiras que ainda se vêem aí, que agora eles até querem conservar, eram cortadas lá dos cepos dos castanheiros. Eu tenho um cepo na loja duma palheira, que eu desconfio que já tem mais de 500 ou 600 anos. Nunca foi mudado. Não há vestígios de ter sido mudado. A palheira também não se sabe quando é que foi feita. Aqui, por exemplo, há uma casa feita em 1911. As padieiras ainda são as de origem. Ainda lá estão. E estão para durar. Não são tratadas. Eles sabiam a altura e donde haviam de cortar aquelas madeiras.

A minha casa era toda feita de pinho. Soalho, tecto e tudo. E tinha um duplo forro. Foi feita em 1926. Quando a arranjei, tirei madeira ainda sã. Sem ser tratada. Ainda tenho aí alguma. Eles cortavam o pinhal sempre em Dezembro, na lua do quarto minguante, ou qualquer coisa assim. Cortada naquela data a madeira - parece mentira - durava muito mais. Deixavam criar bem a madeira.

A pedra é a daqui. O xisto. Para a casa onde vivo agora, a pedra foi acertada por baixo do cemitério. Abriram lá uma "messeira", aqueles lotes de pedra. Havia lá pedra própria para isto. Foi toda carregada às costas. Ainda não era nascido, mas foi o que eles contaram. Ali para o Posto Médico já me lembra. Veio a pedra toda ali do Outeiro. Nem em todos os sítios há pedra própria. Assim como a laje. Não era em todo o lado que se tirava para a cobertura das casas. Havia aí umas "messeiras", uma em baixo e outra onde era o parque, onde iam tirar as lajes para as casas. Não era em qualquer lado que havia essas rochas. Tinha que ser bem escolhida. Eles iam lá, viam que era boa, tiravam. Tudo à mão e às costas!

Educação "*Acompanhar a evolução*"

Que eu me lembre, havia escola temporária. A professora estava aí um período e depois não vinha. Naquele tempo, não era em qualquer lado que havia professoras. Era só lá na cidade. A maior parte delas estudava em Coimbra. Algumas até eram naturais de lá. Se vinham aqui, tinham de vir a pé por essas serras com neve e não sei quê. Umas adoeciam, outras mandavam-nas para cá e elas não vinham. Não sei como elas se arranjavam. Naquele tempo, lá arranjavam maneira de não vir. A maior parte do tempo, a gente não tinha cá professora.

Mas quando tinha, os pais também não queriam que fôssemos à escola, porque precisavam da gente para trabalhar, para guardar o gado. Mesmo que tivessem uma pessoa que fosse pastor. Não queriam que a gente fosse à escola. Por acaso, ainda fui algumas vezes. Mas o que aprendia durante um período, esquecia. A gente preocupava-se mais com o trabalho e em andar a fazer brincadeiras. Quando vinha a professora, estava tudo esquecido. Não cheguei a aprender nada.

Já sabia umas letras quando saí daqui. Sabia qualquer coisa. Aprendi com o padre Ilídio. Como não havia professora, iam uns tantos lá. Não deu para todos, só para alguns. Ele seleccionou e depois tinham que lhe pagar qualquer coisa. Não tinham dinheiro, mas davam-lhe queijo e carne e essas coisas para ele trazer lá a gente. Andei lá um tempo. Aí é que eu aprendi umas letras. Quando fui para a tropa, já levava umas luzitas.

Naquele tempo, na tropa, quem quisesse ir aprender, podia-se inscrever, que havia escola. Fui e andei um tempo lá. Mas conjugar umas coisas com as outras, também não dava muito bem, por conta da disciplina da tropa. Mesmo assim consegui. Nunca mais me esqueci, quando lá fui ao professor tirar o diploma. Deram-me um diploma da terceira classe. Um diploma todo catita. Diz ele:

- "Está a ver? Agora já leva aqui um diploma!"

- Ainda bem, que lá consegui.

Quando fui para Lisboa, fui outra vez para a escola porque a certa altura a vida desenvolveu. Eu fui para uma grande empresa, a CUF. De início, nem todos os engenheiros tinham carro. Alguns iam nos transportes públicos e outros a pé. Depois, aquilo evoluiu e quase todos os operários tinham carro. Eu não tinha a carta, mas a coisa estava-se a organizar para comprar um carro, também. Estava já a sentir falta dele e a família também. Então, fui para a escola e tirei a quarta classe, porque era preciso a quarta classe para tirar a carta de condução. Nesse instante, adoeci e já não fui tirar a carta. Mas a quarta classe ainda a tirei. Fui fazer o exame a Almada, a uma escola oficial. Tinha à volta de 40 anos, 40 e tal. Ainda tinha vontade de aprender. A gente está sempre a evoluir, tem que acompanhar a evolução.

Religião "*Deu bons princípios à mocidade*"

Naquele tempo, o senhor prior vivia cá. Havia um padre para cada freguesia. E como aqui era freguesia, estava cá um padre permanente. Tínhamos missas todos os dias e as pessoas pagavam-lhe uma cõngrua. Ainda se paga hoje, também. Depois, vinham os santos. Era o magusto. Davam uma recompensa em milho, em castanhas ou em cereais. Vinha a Páscoa, era o foliar. Tirava o foliar.

Cada um punha uma mão-cheia de ovos e, às vezes, uns queijos também. Ele tinha sustento suficiente. Vivia como um padre!

A igreja já levou muitas reparações. O cônego Nogueira fez aquela fachada. Não sei como era dantes. Quando eu me lembra dela, já assim era. Tinha árvores centenárias de um lado, do outro, da frente e também algumas atrás. Aquilo até estava bonito, na altura. Lembra-me de um acrescento, aquela parte de trás que está mais alta. Não era assim. Fizeram aquilo e aqueles pilares para imitar os da frente. Mais tarde, deixaram degradar as coisas e tiraram-lhe os pilares. Fizeram uma asneira grande, porque pelo arquitecto que fez aquilo dava-lhe mais beleza. Aquilo foi tirado quando foi de uma reparação. Naquela altura, ainda não havia escoamentos, não havia nada. Entrava água junto às colunas. Como não eram capazes de vedar a água, toca de as botar abaixo para proteger aquilo. Era uma coisa simples, mas pronto... A Comissão que lá estava na altura resolveu assim. Atrás, é um forno que era particular. Também cozia muita broa ali.

A gente ia daqui com os olhos fechados, mas levávamos uma coisa boa. Era a religião. Agora, considero que, realmente, deu bons princípios à mocidade. As pessoas que foram daqui, todas progrediram. Foram de marçanos. Naquele tempo, era levar a mercearia às casas. Andaram de marçanos, mas hoje a maior parte deles está tudo estabelecido com bons estabelecimentos e com vida bem constituída. Eu lá no meu trabalho também. Cheguei a ser um operário especializado e até monitor. A gente progrediu, porque levava aquela força de vontade de trabalhar. Levava a educação que era muito bonita. A gente respeitar as pessoas. Agora alguns, a maior parte deles, quanto a mim, são malcriados. Não respeitam nada. A malta que ia daqui era bem recebida, por causa da educação que levava daqui. Nós tínhamos medo do senhor prior. E os pais, em casa, colaboravam com ele. Padre e família. Quando saí daqui, a recomendação que o meu pai me fez foi esta:

- "Olha que a gente nunca se agrada ao que é dos outros. Isso não dá resultado. O que é dos outros, é dos outros. Não se tira nada a ninguém! Não se rouba nada a ninguém!"

E deu resultado. Nunca me agradei lá do que é de ninguém. Trabalhar, trabalhava! Fartava-me de trabalhar, porque eu queria alguma coisa. Mas roubar, nunca roubei nada. E dei-me bem com isso. Dou graças a Deus por ter seguido esse percurso. Com esta idade também é recompensada.

Percurso profissional *Dos pinhais do Piódão aos estaleiros da Lisnave*

"Fui resineiro"

Eu fui resineiro. Ocupava-me da resina. Dava bem que fazer! A gente começava a desencarrascar em Fevereiro. Cortávamos com uma machada própria, bem afiada, a casca grossa do pinheiro. Deixávamos-lhe só um bocadinho de casca fina, de maneira que não sangrasse, para não nos impedir muito quando a gente ia renovar o pinheiro. Era só aquela parte da ferida. Desencarrascávamos, metíamos bicas e começávamos as renovas. A bica era um bocadinho de folha de zinco, cortada à medida, espetada no pinheiro, para aparar a resina para o púcaro. Renovar é tirar um bocadinho de madeira na ferida para o pinheiro sangrar. No Inverno, era de 15 em 15 dias. Quando fosse no Verão - Agosto, Julho - ia mais quente, passava a renovar os pinheiros de oito em oito. Depois, arrancávamos outra vez as bicas e queimávamo-las, que elas estavam cheias de resina. Tornávamos a endireitá-las com um maço de madeira, para pôr no outro ano a seguir. A gente apanhava a resina assim.

"Fui para a tropa em Coimbra"

Quando saí daqui, fui para a tropa, em Coimbra. Na inspeção, foi a primeira vez que fui a Arganil. Era o concelho. Se havia assuntos a tratar, ou ia o meu pai ou ia algum dos meus irmãos mais velhos. Eu nunca tive oportunidade. Também nunca tinha ido a Coimbra. Fui dormir a Pomares. Era lá que havia a camioneta. Ia a camioneta de Pomares por Arganil, Góis e Lousã. Em Lousã, saí da camioneta. Seguia não sei para donde, se para Lisboa, se para onde era. Já não me lembra. Sei que seguia e a gente ficava. Depois, davam-nos uma guia. Da Lousã para Coimbra, como era comboio, já pagavam. A conta da tropa já nos pagava o transporte. Apanhei na Lousã o comboio para Coimbra. Nunca tinha visto um comboio. Vi-o lá pela primeira vez.

Migração "*Cheguei a Lisboa à meia-noite*"

Eu tinha em Lisboa um rapaz do meu tempo que já lá trabalhava. Era um bocadinho mais velho do que eu. Disse-me que fosse, que alguma coisa se havia de arranjar. Saí daqui eram duas da manhã. Era de noite. Fui apanhar a camioneta

a Vide, com uma lanternita por aí abaixo. Ainda foi lá uma irmã minha levar uma malita e caiu. Cheguei lá às cinco. A camioneta saía de Vide e ia direita a Lisboa, à Almirante Reis, a uma garagem que lá havia. Só cheguei à meia-noite, porque a camioneta ia dar a volta às terras. Foi pela Nazaré, por ali fora. Foi andar lá do outro lado, já não sei por donde. Já não me lembra por onde é que andou. Não conhecia lá nada e não gravei nada. Sei que cheguei à meia-noite. Estavam lá esses rapazes à espera. Sabiam que eu que ia. Eu não conhecia lá nada. Apanhámos um táxi. Levaram-me lá para casa deles. Fui viver para a Rua do Olival, onde eles moravam. Eram 17 ou 18 a viver num sótão. Lá me arranjaram para dormir com um rapaz. Dormiam dois a dois. Havia um que estava a dormir sozinho. Lá combinaram para eu ir dormir com ele. Fiquei lá um tempo. Eles foram trabalhar e eu fiquei por ali. Depois, andava aborrecido. Andei ali uma semana. Não arranjei trabalho. Não tinha expediente para isso e tinham que ser as pessoas a arranjar. Mas tínhamos lá muita gente conhecida daqui do Piódão. Juntavam-se todos para ali. Conforme as terras, assim se juntavam. Nós tínhamos lá um que se chamava Abílio João Marques. Até foi um que vendeu aqui tudo ao meu pai. Ele já lá estava estabelecido. Tinha uma mercearia e casa de comidas. Era a referência. Era o pai da malta toda. A gente ia lá ter com ele, era apresentado com os nossos amigos e dali começava a família. Era como agora os imigrantes lá da África, da Polónia e dos outros lados. Andei por ali e eles lá começaram a arranjar trabalho. A primeira vez que fui trabalhar, foi num senhor que tinha um poleiro para escangalhar lá num quintal. Fui para lá:

- "Há aqui isto para fazer. Tu vais lá ajudar o pedreiro."

Não disseram quanto ia ganhar nem nada. Foi o primeiro trabalho. Lá me pagaram. Depois, logo me arranjaram para aquela empresa, a Colonial. Tinha lá pessoas conhecidas. Trabalhava lá um primo meu. Na Colonial, a gente tinha que picar e escovar as tintas velhas nos barcos para levar mais tinta e fazer limpeza por dentro nos porões. Cada vez que vinha uma carga era preciso fazer limpeza por dentro. E reparação, também tinha que se fazer. Na Colonial era só isso. Ganhava 28 escudos por dia.

"Vivi numa data de lados"

Vivi numa data de lados. Quando fui para lá, assentei praça na Rua do Olival. Quando casei, fui viver para a Amadora. A habitação naquele tempo não era fácil, mas eu lá consegui arranjar uma casa com mais dois. Só tinha três quartos. Cada um foi viver para o seu. Uma cozinha para todos e uma casa de banho para todos. Já tínhamos uma casa de banho! Vá lá! Mas aquilo na Amadora era muito dispendioso. Os comboios ainda eram a carvão. A gente chegava a

casa com as camisas todas sujas daquela poeira. Foi na altura que eu lá estava que passou a eléctrico. Depois, vim viver para diversos lados. Vim para uma casa na Rua da Cruz, Alcântara, mais um cunhado meu. Fomos viver os dois. Ele veio-se embora, para aqui, e eu voltei para a Amadora com mais um primo meu. Foi lá que morreu o meu miúdo. Depois, adoeceram aqui os meus sogros. A minha mulher teve de vir tratar deles, porque não tinha cá ninguém. Veio e eu fiquei lá sozinho. Andei por diversos quartos. Quando a coisa melhorou, havia lá um senhor na Pampulha que estava sozinho. Tinha-lhe morrido a mulher. Era um indivíduo com massa. Precisava de uma pessoa lá em casa. Perguntaram-me se queria ir para lá. A minha mulher ia fazer-lhe o serviço e não pagávamos nada da renda. Só tínhamos de pagar outras coisas, além de lhe fazer o comer, tratar-lhe da roupa e essas coisas todas. Fomos para aí. Mas a gente não se dava bem com o velho. Por isso, arranjei para a Cova da Piedade, para uma casita também. Fui enganado, que aquilo era muito húmido. Não se podia lá viver. Por motivos de doença, a mulher teve de vir outra vez para aqui e eu fiquei lá sozinho. Foi nessa altura que eu vi o que a casa era. Saía de manhã e fechava a porta. Enquanto ela lá estava, dava ar e conservava a casa. Ainda se ia suportando. Sem ninguém lá a viver... Até a roupa estava cheia de bolor. Então, eu disse:

- Isto não é vida!

Comecei a dar a volta ao miolo:

- Isto não pode ser assim! A gente apodrece aqui! Temos de sair daqui.

Andei à procura de casa, mas não fui capaz de encontrar. Um dia, eu mais um amigo fôramos ver casas que andavam a construir no Bairro do Feijó. Lá o construtor, com quem falei, disse:

- "Olhe, tenho aqui uma casa pronta a habitar."

- Pronta a habitar?

- "O que é, é num rés-do-chão."

- Mas esta casita até dava jeito. Se um dia fosse velho, até dava jeito o rés-do-chão.

Ainda tinha dois pisos por baixo de mim do lado de trás. Eu estava revés com a rua, que era terreno desnivelado. Comecei a ver aquilo, falei com pessoas, indicaram-me como havia de fazer. Comecei-me a mexer. Tratei logo de uns contactos. Como é que havia de ser e como é que havia de se arranjar dinheiro... 217 contos custava a casa! Era muito dinheiro naquele tempo. Lá falei com uma pessoa que me indicou um sujeito. Ele disse que me tratava dos papéis, para me emprestem dinheiro pela Caixa, a troco de eu lhe pagar uma certa importância. Tratei da papelada e, combinado com o construtor e com esse senhor que conhecia lá aquelas coisas da Caixa Geral de Depósitos, consegui o empréstimo! Naquele tempo não era qualquer um! Arranjei um sinal, fui lá e comprei a casa. Comprei no dia 3 de Janeiro e logo no dia 16 ou 17 fui lá

para dentro. Porque na outra, eu não podia estar de maneira nenhuma. A mulher nem gostou muito, na altura. Eu julguei que ela ficava toda contente e tive uma desilusão: não gostou! Ainda por cima calhou de lá ir num dia de nevoeiro. Depois, uma dívida tão grande fez-lhe confusão. Ia tendo um esgotamento, mas lá aguentou aquilo. O empréstimo era assim: pagava a prestação e os juros do dinheiro de seis em seis meses. Mas para a outra prestação, já não pagava o juro da que descontava. Naquela altura, era uma modalidade boa. A gente à medida que ia pagando, ia abatendo na conta. Ia indo, ia indo, no resto já pouco pagava. Quando se deu o 25 de Abril, eu só devia lá uns sete ou oito contos. Arranjei o dinheiro, fui lá e paguei. Também tínhamos essa vantagem. Podíamos pagar tudo se quiséssemos. Era muito melhor que agora. Agora, isto não tem ponta por onde se lhe pegue. Depois, vivêramos lá uns 16 ou 17 anos. Pensáramos em vir para aqui e vendi.



José Lopes Ribeiro (Lisboa)

Ofício "*Trabalhava na Lisnave que era do grupo CUF*"

Logo a seguir à Colonial, puxaram-me para a CUF. Eu trabalhava na Lisnave que era do grupo CUF. Era quem mandava naquilo. Na altura, era o Jorge de Melo que estava à frente. Ele lá tinha os colaboradores dele. Quem formou aquela empresa foi o Alfredo da Silva. Era reparação também. Tiravam-se chapas velhas e metiam-se novas e remendos. Tratava-se das hélices dos navios. Era outro tipo de serviço. Já ganhava 30 escudos por dia.

Depois, fui integrado no grupo. A gente começa-se a integrar, a tomar confiança. Começa a ter os nossos conhecimentos. Começa a ter essas coisas todas. Vai aprendendo a trabalhar. Entrementes, torna-se um profissional e um operário especializado. Cheguei a ser monitor e andei ainda na chefia. Mas, não sei porquê, na chefia não dava bem para aquilo. Eu era melhor para ser mandado do que para mandar os outros. Deram-me preferência para ir para monitor, ensinar os recrutas, os que se iam apresentando. Eu ia ensiná-los a trabalhar com as máquinas e a fazer o nosso trabalho. A gente era trabalho de pinturas, nas docas, nos assentamentos de navios, andaimes e assim. Eles precisavam, porque aquilo lá na Lisnave era um meio muito grande. Era um mundo. Se eles chegassem ali e não tivessem uma luz daquilo... Pelo menos, ia-lhes ensinar os cantos das ferramentas e dessas coisas todas. Ia-lhes ensinar isso tudo. Tínhamos uma parte teórica, que era dada por um engenheiro. A prática era eu que ia dar. Trabalhava para eles verem como era.

Orgulho "*Orgulho de viver naquela empresa*"

A gente até tinha orgulho de viver naquela empresa. Tinha gosto em trabalhar numa empresa daquelas. Trabalhávamos muito e os trabalhos eram muito duros, mas havia organização. Eles pagavam tudo. A gente tinha umas certas regalias. Tínhamos uma Caixa nossa. É como digo: 80 e tal por cento dos operários tinham carros tão bons como os engenheiros e como os médicos. Lá em cima, tínhamos um pórtico grande. Às vezes ia lá e via: era uma malhada de carros. Todos os operários iam de carrinho para o serviço. Já naquele tempo, antes do 25 de Abril.

Depois, deu-se o 25 de Abril. Para mim foi mau. Lá, a Revolução meteu-se em força. Era uma empresa grande e boa, mas a cobiça da Revolução estragou aquilo tudo. Eu não digo que foram comunistas, nem que foram UDP's, nem que foram isto, nem que foram aquilo. Foi a má orientação da malta toda e de

quem quis destruir a empresa. E destruíram. Aquilo parou. Deixaram de pagar. Andaram ali às voltas até que assentasse lá a política. Eu, de política, não percebo nada, mas, pronto, ia atrás da marcha. Vim com a reforma antecipada. Saturaram e massacraram tanto a gente, que a gente já não sabia como é que se havia de ver livre daquilo. Deram essa oportunidade: quem quisesse, vinha com a reforma antecipada. E eu caí nessa esparrela... Foi uma grande aselhice. Depois é que foi o bonito. Chegou a altura da reforma antecipada e não havia dinheiro. Não pagavam, nem me davam baixa, porque não consideravam doença. Não havia mais nada. Não recebia nada de lado nenhum. Por isso, vim para aqui. Vingui-me aqui a trabalhar e lá fui vivendo. Mas não havia dinheiro. Foi um mau bocado que eu passei. Mas o mais bonito que me aconteceu foi depois. Eu havia de ter passado para a Caixa Nacional de Pensões. A Caixa da CUF tinha muito dinheiro, mas abriu falência. Mandaram os dados para a Caixa Nacional de Pensões, mas não mandaram dinheiro. Eu meti os papéis para a reforma. Chegou à Caixa Nacional de Pensões, não tinha lá descontos nenhuns. Não tinha e não tenho! Deram-me naquele tempo a reforma mínima. Havia uma lei que lá os revolucionários do 25 de Abril tinham posto, que não podiam dar menos de 7 contos e 500 de reforma. Foi essa a reforma que apanhei. Vim por aí fora. Fui lá mexer naquilo... nada. Ninguém dá saída a nada. Graças a Deus, comer não me faltou. Mas psicologicamente isto bota a gente abaixo. Tantos anos de trabalho, tantos anos de luta e depois a gente vê-se assim...

Namoro "*Nem sabia o que era namorar*"

Não sei como conheci a minha mulher. Nem ela deve saber. A gente nascia aqui. Quando começámos a abrir os olhos, conhecíamos as pessoas todas. Nem sei como é que comecei a namorar com ela. Havia tanta rapariga naquela altura. Havia por onde escolher. Não sei explicar. Eu gostava mais dela. Talvez fosse uma pessoa mais agradável, na altura. E a família da minha mulher, como eram só dois, também eram umas pessoas com uma certa estima. Começámos a falar. A gente começou a conviver. A ir ao terço, à missa, ao mato e à lenha. A gente nem sabia o que era namorar. Era andar uns com os outros. Nunca lhe pedi namoro. Gostava de andar. Fomos andando, andando... Depois quem decretava os namoros era a população:

- "Olha, aqueles andam um com o outro, são namorados!"

Mas não eram namorados como agora. Respeitinho! Senão a gente tinha de ir contar ao senhor prior. E depois ele descascava.

Casamento "*À moda da terra*"



Liberta Lopes da Anunciação, esposa de José Lopes Ribeiro

Fizemos um casamento à moda da terra. Mataram umas cabras, trouxeram uns convidados e fizeram uma festa. Comer e beber! Ir lá à igreja. Era o essencial. Eu ia vestido com o normal. Fato e gravata. Ela também ia toda pinoca. Levava um xaile, que ainda o lá tem. Até a filha gosta muito dele. É um xaile de merino, que era o luxo daquele tempo. Levava um lenço chinês na cabeça. Uns lenços que havia. Não sei se levou esse, se eram uns que havia doutra coisa. Mas foi assim. Lá fomos. E já há 51 anos! Lutámos muito, por causa destas peripécias. Estas saídas da terra e aquelas lutas lá com a habitação. Foi muito difícil. Depois, os meus sogros adoeceram aqui. Foi o pior. Morreu-nos o miúdo, foi muito difícil. Do resto, a gente tem andado. Acho que a vida melhor que a gente tem é agora. Só

que agora estamos cheios de caruncho. A mim, deu-me a doença, mas tive sorte. Deixou-me as pernas e os braços bons. Alguns nem isso. A cabeça é que ficou um bocado falhada. Eu sei que está. Sei ver a diferença. Sei que também tenho algumas melhoras. Estive sem falar. Já não esperava continuar. Nem ninguém da família já esperava que eu fosse acima. Mas fui... Agora até digo que ando a enganar o mundo. Eu sei e ela também sabe que eu não ando bem.

Lugar "*O Piódão é a minha terra*"

"Tudo divididinho"

Isto aqui estava tudo divididinho até ao alto da serra. Parece mentira, mas é verdade. Estava dividido com pedras, que a gente chama os marcos. As pessoas respeitavam-se uns aos outros. Lá havia um ou outro - há em todo o lado - mas a maior parte respeitava. Se a gente, na extrema, tivesse uma moiteira que desse metade para um lado e metade para o outro, chegava lá roçava a metade dele e deixava a outra metade para o vizinho. Cada um sabia o que era dele. Respeitavam o que era dos outros.

Pagávamos contribuição disto. No fim do ano, a uma certa altura, mandavam as contribuições lá de Arganil e a gente tinha de ir daqui até lá levar o dinheiro. Não produziam dinheiro, mas naquele tempo o sistema era assim. Se a gente não fosse pagar, perdia a posse dos terrenos, porque eram muito disputados. Era o tal valor. Havia pessoas que tinham outras ocupações. O meu irmão era pedreiro. Andava a fazer as casas aí para os outros. Já tinha ordenado. Agora nós que era a cavar, íamos cavar para mim, depois, para a semana, era para outro. Outro dia, era para outro. Não havia dinheiro, havia pouco. O que a gente fazia era disso.

"Era isto que a gente fazia"

Nas terras, a gente cultivava a batata, o feijão, o milho, essas coisas. O que tínhamos mais era milho. Era a principal alimentação. Depois, vinha a altura de apanharmos o medronho e fazer a aguardente. A gente estimava os medronheiros, porque aquilo era uma fonte de receita e bebíamos muita aguardente. Fazia as pessoas rijas e fortes. Não havia muita abundância, mas pronto. No tempo da azeitona, apanhávamos e fazíamos o azeite.

A gente apanhava frutas, também. Tinha para aí muita. Havia ameixa de toda a qualidade, maçã, pêra, pêssego... Não se curava nada. Os pessegueiros, era só a gente agarrar e pô-lo para a ponta de um cômor. Daí por três, quatro anos, começava a dar pêssegos. Dava a nossa vida toda. Comíamos os pêssegos todos. Havia muita fruta naquele tempo, mas ninguém vendia. A que se comia, comia, a que não se comia, estragava-se. E estragava-se mais que a que comiam. Ia alguma para os porcos. Só mais tarde é que já começou a haver uma abertura para a venda da fruta.

Cultivávamos vinho. Havia as leiras para cultivar, mas na ponta dos cômoros havia um corrimão de videiras, que eram sustentadas com madeira de castanheiro. A vinha dá sempre muito que fazer, porque é preciso podá-la e atá-la. Naquele tempo, não se curava. O meu pai nem máquina de sulfatar tinha. Mas era preciso tirar-lhe a folha para entrar o sol para o cacho. Ainda tínhamos muito vinho. A gente tinha aí uns 50 e tal almudes para a casa.

Vinham as castanhas, a gente ia apanhá-las. Havia muita abundância de castanheiros. Eles cortavam os castanheiros todos, logo que dessem madeira. Logo que estivessem bons, cortavam-no. Depois, das pernas aproveitávamos para fazer corrimões das videiras e arranjar os tacões. Era tudo aproveitadinho. Era uma ocupação.

Tínhamos que fazer as searas. No Verão, cortava-se o mato e os giestais, principalmente, e deitava-se o fogo. Aí pelo princípio do Inverno, logo que viessem as águas novas e começasse a chover, semeava-se o centeio. As águas novas eram quando no fim do Verão começava a chover. Havia humidade no solo para conservar a sementeira do centeio até o ceifarmos lá para fins de Junho, princípios de Julho. Era uma grande ocupação que a gente tinha, nessa altura.

Também tratavam dos animais. Criavam porcos e tinham rebanhos de ovelhas e de cabras. Do leite, faziam o queijo. Era para sustento da família e para vender também. Lá se vendia um queijo, uma rês, uma ovelha ou uma cabra, o que fosse. Era preciso fazer algum dinheiro. Também tínhamos a exploração do carvão. Arrancávamos as cepas todas por essas serras fora. Nessa altura, não havia pinhal. Havia torgas aí. Fazíamos carvão para as fábricas da Covilhã e de Coimbra. Era isto que a gente fazia.

"A grandeza do castanheiro"

Tínhamos essas barrocas cheias de castanheiros. Não sei se milenares, mas muitos centenários. Tínhamos aqui um, que tinha uns quatro metros de diâmetro. Ficava por cima do Posto Médico. Eles iam cortando as pernas dos castanheiros. Logo que dessem madeira, cortavam. Depois, rebentavam outros.

Nos castanheiros, anda a seiva por fora. Ao poder dos anos, dos séculos, vai ficando a madeira seca por dentro. Eles iam "estabucando" o castanheiro por dentro para queimarem os cavacos que iam tirando. Tinham tirado a lenha seca, os cavacos secos e a seiva a trabalhar por fora. Num fizeram uma toca de tal ordem, que pelas pernas tinha entradas. A gente entrava por aqueles buracos. Chegámos a lá estar quatro e cinco bancadas de miúdos a jogar às cartas, escondidos dos pais. Os pais não queriam que a gente jogasse às cartas, que aquilo dava vício e era mau. A grandeza do castanheiro. Era uma coisa enorme. Não era alto e grande porque eles iam-no cortando. Já estava a morrer. Ainda tinha pernas dos lados, mas ficava a morrer. Por dentro era uma toca enorme. E a gente ia para aí. Agora ardeu tudo... Havia aí centenas e centenas de castanheiros. Quando foi do primeiro fogo, foram logo uma quantidade deles. Agora, neste último incêndio, foi o resto.

Minas da Panasqueira

As Minas da Panasqueira são aqui perto. Havia lá muita gente. Chegaram lá a trabalhar, salvo erro, umas 14 mil pessoas. Quando foi no tempo da guerra, havia muita exploração de minério. Esta gente aqui foi toda mobilizada para ir lá trabalhar. Depois, até a Junta e o Estado puseram travão nisso. Os daqui da freguesia tinham de vir à Junta pedir um atestado conforme cá não faziam falta na agricultura. Senão isto ficava despovoado. Ia tudo para lá. E foi. Uns de uma maneira, outros doutra, foi quase tudo. Foi na altura que isto começou a decair.

Alguma da fruta que tinha aqui ia para lá. As mulheres iam com cestas de fruta à cabeça lá vender. Como era muita gente, era preciso muito comer. Aquilo lá era quase um deserto. Naquele tempo, era um deserto mesmo. Era uma serra. Perto de São Jorge da Beira. Agora é São Jorge da Beira, naquela altura era Cebola. Iam destas terras todas lá levar as coisas para eles comerem. Nessa altura é que se começou a vender fruta.

"Uma maneira de ganhar algum"

O avô da minha mulher criou bezerros. Aqui não se criava. Este terreno não dá para aqueles animais. Ele ia buscá-los a Alpedrinha, atrás da serra, para o pé do Fundão. Eu nunca lá fui, nem sei onde é que era. Havia lá uma feira. Ele ia-os buscar pequeninos e criava-os ali. Quando estivessem mais crescidos, ia-os lá vender outra vez. Aqui não se podia trabalhar com eles. Vendia os mais adultos e trazia outros pequeninos para criar. Era uma maneira de também ganhar algum.

"O tempo era quase um relógio"

O tempo era quase um relógio. A gente sabia que em tal tempo chovia. Às vezes vinham umas trovoadas, entremeadas, mas o tempo normal a gente conhecia. No princípio de Setembro, chovia. Depois, ia chovendo. Agora, isto está trocado. O Verão prolonga-se por aí fora. Mas naquele tempo a gente sabia que era assim. No Inverno, a neve estava aí aos meses. Não se podia andar muito à vontade. Pelo menos, estava aos oito dias. No mês de Novembro, às vezes, já vinha neve, mas em Dezembro vinha a chuva ou havia um gelo que não se podia, se fosse tempo limpo. Até se punham aí nos cômodos, fusos - chamavam-lhe fusos - que é o gelo. Conforme ia correndo a água, ia gelando. Ia-se pondo como nas grutas. A gente tinha que se pôr a pau. Até na rua escorregava com facilidade. Parecia vidro. Só havia as três hipóteses: chover, aquele gelo terrível ou neve. Os meses de Dezembro e Janeiro eram assim.

"Ver se isto tem alguma rentabilidade"

Quando regresssei, o Piódão ainda não estava assim muito mudado. Ainda havia aí muita gente, muita mocidade. Umas 20 e tal raparigas. E muitos rebanhos. Para cima de 20! Ainda havia esses dias de ajuda, esses trabalhos e essas coisas todas. Não achei muita diferença. Já se achava assim uma falta, mas não era muita. Agora, é que foi rápido. A emigração foi em massa. Saiu tudo. Das raparigas, só ficaram aí umas solteironas. O mais foi tudo embora. Tudo se mudou e tudo ficou abandonado de um dia para o outro. Já só há aí duas ou três pessoas que têm umas cabritas, mas coisa pouca.

A esperança - muitos não aceitam - é realmente a iniciativa dos Compartes. Eu apoio-os e à iniciativa que tiveram, porque é a única maneira de ver se isto tem alguma rentabilidade. De resto, eles falam, mas ninguém lá vai buscar nada. A mim, ardeu tudo. Não vou lá buscar nem o valor de um tostão. Nada! O ano passado quanto apanhei foram umas nozes. Este ano até as nogueiras já secaram. Há um tempo, veio uma malina e elas desapareceram. Os Compartes até já conseguiram arranjar a brigada dos sapadores. Estão lá as pessoas empregadas. Há aí uns empregos. E se puserem uns rebanhos, já trazem aí para baixo, para a ribeira e lá para cima. Andaram a fazer o cabril. Talvez seja uma das maneiras de haver alguma coisa para utilizar este terreno. Senão, ficava aí sem préstimo nenhum, porque ninguém lá vai buscar nada. Lenhas, não precisam, que agora é o gás. O carvão não dá nada. Pinhal leva muitos anos a criar e o fogo cada vez que vem, queima tudo. Se andar lá o gado, vão comendo o mato e não há tanto perigo de haver incêndios ou podem ser melhores de dominar. Também abriram

os estradões para pôr as vedações. Isso já dá acesso para que se possa combater melhor os incêndios, caso apareçam. E vão plantando árvores. É a maneira que vejo de dar utilidade a isto. Senão, isto não tem utilidade nenhuma. As pessoas abandonam isto tudo. Cria-se mato. Mesmo que haja um ou outro que queira ir à sua propriedade, não pode passar na dos outros, porque está cheio de silvas e mato. Quanto a mim, acho bem. Vamos lá a ver se estão a pensar em fazer queijo e carne. Seria uma coisa que vinha criar postos de trabalho.

"Fundou-se a Comissão para ouvir a voz da malta"

Antigamente, não havia aqui luz, nem gás, nem telefone. Nada! O telefone, tivéramos que fazer. Foi a Comissão, salvo erro, em 1952. Fundou-se a Comissão por isso. Para ver se faziam força, se faziam ouvir a voz da malta. O Estado dava uma verba para se fazerem essas coisas. A Câmara tinha que dar uns tantos por cento. Não sei quanto era: 25%, 20% ou qualquer coisa assim. Nós fizemos a Comissão para entre a gente se fintar uma quota todos os meses e arranjarmos mais umas festas, mais um dinheiro e mais uns amigos e pessoas que quisessem dar donativos para repormos essa parte que pertencia à Câmara. Foi aí que realmente começou o progresso, não só daqui do Piódão como de todas essas aldeias aqui à volta. A malta, entre si, arranjava dinheiro para pôr a parte da Câmara e a Câmara aí já não podia dizer que não. Tinha que assinar os papéis.

Foi daí que veio o telefone. Foi uma luta grande. Tiveram de escrever uma carta ao Salazar. Logo aí deu resultado. Vieram cá pôr o telefone, pagando a gente essas percentagens. Mais tarde, trabalhou-se para a electricidade. E assim sucessivamente, para termos estes melhoramentos.

Andou-se sempre a lutar para se arranjar estrada. Saíam verbas todos os anos. A floresta, depois, fez as estradas lá por cima. Foram todas feitas pelos Serviços Florestais. Para algumas destas aqui para as povoações, tiravam verba da central e faziam ramais. Outras, tivéramos nós que pagar. Tentámos fazer uma aqui por nossa conta e ainda fizemos até ali adiante a meio do caminho. Ainda vieram lá carregar alguma resina e trazer alguma madeira. Depois, começou-se a aproximar mais da floresta. Veio até à pousada. Parou ali muito tempo. Então abríramos aquele ramal em cima dos Penedos Altos. Mais tarde, também por conta da Comissão, fizéramos aquele ramal para poder vir as camionetas. Antes, as camionetas grandes, de excursão, não vinham. Paravam onde é a pousada. Foi influência da malta, que gostava da terra e fazia excursões. Queriam cá vir com as camionetas e não podiam. Ainda estive ali uns anos. Entrementes, avançaram, também já com a Comissão metida nisso, com esta estrada de cima até Chãs d'Égua. Não era para ir para Chãs d'Égua. Era para ir por cima, pela

floresta, por aí fora até às Pedras Lavradas, naquela que vai para a Covilhã, mas nunca foi concluída. Saiu dinheiro suficiente para isso, só que eles foram tirando os guardas, os engenheiros e, com apoio lá dos ministérios, as verbas para fazerem estraditas. A do Tojo foi uma dessas. Foi feita por conta da floresta. Mas conseguiu-se arranjar uma estradita para cada terra. Agora, a nossa está muito estragada, porque entregaram a um empreiteiro e ele deixou ficar isto pendurado. É fazer só o alcatroamento, mas mesmo isso ainda demora tempo.

Depois, veio uma ordem do Governo para reflorestar essa serra. Veio a floresta. Quando veio a floresta para aqui, foi uma escravidão. Era de sol a sol e os dias que não iam, não pagavam, mesmo que se aleijassem. A minha mulher aleijou-se lá e nem lhe pagaram. Não ia trabalhar, não pagavam. De qualquer das maneiras, na altura, mesmo assim, valeu. Vieram postos de trabalho. A malta foi para lá trabalhar e ia ganhar algum dinheirito. Mas houve aí uma guerra, porque alguns ainda queriam os terrenos mas a floresta também os queria. Houve aí umas disputas, nessa altura.

O Piódão é a minha terra. Tenho que a defender. Fiz parte das comissões e fui mordomo da igreja há uns três anos. O que eu digo aos turistas é o que eu considero da terra. Agora, não posso fazer mais nada, mas gosto de ver o progresso. O que eu agora mais gosto é realmente o progresso. Ver se conseguem dar a isto alguma rentabilidade, porque o que era antigamente morreu.

Costumes Era tradição no Piódão...

"Festa rija"

O santo padroeiro é São Pedro. Mas a igreja é da Senhora da Conceição.

No meu tempo, faziam festa no dia da Senhora da Conceição. Era uma festa religiosa lá na igreja. Davam muito valor às Primeiras Comunhões. Preparavam as crianças para a Primeira Comunhão, Comunhão Solene e essas festas. Também se fazia a festa a São Sebastião, no mesmo género.

A festa oficial, a festa em que vinham bandas e essas coisas todas, era o Sagrado Coração de Jesus. Nós temos uma associação do Sagrado Coração de Jesus. Uma irmandade. Agora ninguém já liga. Ainda se pagam as quotas, mas é só simbólico. Naquele tempo, era uma quota avultada. Faziam a tal festa rija. Três dias, pelo menos. Nessa altura, toda gente preparava uma roupa nova, preparavam-se as ruas, punham arcos desde a igreja ao cemitério. Era preciso vir

uma mão-cheia boa de fogo. Deitava-se muito fogo. Festa sem fogo não prestava. Vinha então a banda. Naquele tempo, não havia conjuntos. Havia os conjuntos cá das aldeias que depois se juntavam para fazer a parte recreativa. Faziam a festa lá na igreja e depois a procissão. A procissão é que era bonita! Levavam os andores todos da igreja. Uns 13 ou 14 santos. Iam todos, cada um com o seu andor enfeitado para a procissão. Era assim a festa. Nas vésperas, dois ou três dias antes, começava tudo a matar cabras e ovelhas para terem carne com fartura. Faziam arroz-doce, faziam aquelas coisas todas que sabiam, as tigeladas e aquilo tudo. Era comer com fartura. Iam tratando o gado e estava tudo disponível para a festa. Depois, havia os bailaricos para as pessoas de cá. O meu sogro também era guitarrista. Tinha uma guitarra e tocava mais uns tantos que havia aí. Outros cantavam. Faziam as "tocadeiras" deles, para divertir a malta.

Natal, Reis e Janeiras

O Natal, normalmente, era um tempo de frio. As noites grandes e os dias pequenos. Faziam um diferenciado de filhós. Depois iam à lareira e faziam o comer à maneira deles. Mais diferenciado, também. Iam à igreja beijar o Menino Jesus. Era a missa e assim. Era sempre assim. O mesmo disco.

No Dia de Reis, os miúdos andavam aí pelas ruas a tirar os reis e no dia de Janeiras também. Era uma festa. Andavam de porta em porta. Uns davam-lhe um bolo, outros davam-lhe um rebuçado e outros não davam nada. Pois, não tinham nada para dar! Mas a rapaziada ia dar a volta. Eram muitos. Haviam aí sempre 30 ou 40 miúdos.

"Deus dá o frio conforme a roupa"

Naquele tempo, quando se estreava uma roupa, era uma festa. Não havia dinheiro. Até aos 20 anos, roupa como devia ser, só tive uma. E uns sapatos. A gente usava tamancos de andar aí. Mais tarde, quando andava na resina, já era botas de pneu por baixo e cabedal por cima. Mais do resto, não havia roupa para todos os dias. E a gente não tinha frio. Deus dá o frio conforme dá a roupa. Era uma camisita, mesmo de Inverno, e, às vezes, um casaquito velho. O mais, andava assim. Não trazia grande roupa, mas a gente andava aí. Quando éramos miúdos, andávamos descalços em cima da neve. Os pés punham-se encarnados e tudo. Enquanto não desadormecia, aquilo era uma dor terrível. E nas mãos também. Em desadormecendo, pronto. Chegava a tolher o sangue. Gelava os dedos e a gente andava aí, no normal. Descalço em cima da neve. Era o que cá havia.

Avaliação "*É bom recordar*"

Acho importante ficar com as recordações. Talvez se possa tirar daí uma conclusão. Concluir a diferença do que se vai passando com as coisas que vão ficando para trás. É bom recordar, embora, por vezes, não seja agradável. Mas é bom haver história. É bom haver História!